

CID SEIXAS

O SIGNO
POÉTICO

FICÇÃO
E REALIDADE

A série intitulada “Conhecer Pessoa” trata de questões da teoria do conhecimento, da linguagem e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Poetas, profetas e loucos buscam articulações do real diferentes daquelas que são cristalizadas pela aceitação pacífica.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas como resultado de uma pesquisa, do final dos anos oitenta, sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Embora discuta com respeito e admiração as ideias de estudiosos marcados pelo estruturalismo, Seixas propõe o ultrapasse do método estrutural em favor da compreensão daquilo que veio a se chamar de estudos culturais.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em “livros”, cujas dimensões correspondem às grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais.

Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a partição do material em livros, forjando um elo no tempo.

O SIGNO POÉTICO:
FICÇÃO E REALIDADE

Copyright 2017 Cid Seixas
Tipos: Original Garamond, corpo 12
Formato: 120 x 180 mm
142 páginas

Os livros da e-book.br
apresentam alguns pontos de divergência
das normas da ABNT.



E-mail:
cidseixas@yahoo.com.br

Disponibilização deste e-book:
<https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
<https://issuu.com/ebook.br/docs/4.signo>
<http://www.e-book.ufes.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>

Cid Seixas

O SIGNO POÉTICO,
FICÇÃO E REALIDADE



e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Adriano Eysen (UNEB)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Alana El Fahl (UEFS)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Massaud Moisés (USP)

- Livro I:
ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO
- Livro II:
A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA
- Livro III:
A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO
- Livro IV:
O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE
- Livro V:
DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS
- Livro VI:
O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO
- Livro VII:
A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA
- Livro VIII:
O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA
- Livro IX:
UMA UTOPIA EM PESSOA:
CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA



SUMÁRIO

1	Tradição e contradição	9
2	Jakobson e o fruto proibido	13
3	Pessoa, poeta da estruturação	31
4	Signo poético e signo linguístico	69
5	Referências bibliografia	93
6	Livros do autor	135

*Benedictus Dominus Deus noster
qui dedit nobis signum.*

EPÍGRAFE DE MENSAGEM

*Tudo que vemos é outra coisa.
A maré vasta, a maré ansiosa,
É o eco de outra maré que está
Onde é real o mundo que há.*

FERNANDO PESSOA

TRADIÇÃO E CONTRADIÇÃO

A tradição jakobsoniana, herdeira das conquistas e equívocos do estruturalismo como método e filosofia das ciências da cultura no século XX, não reconhece a existência do *signo poético*, enquanto unidade distinta do *signo linguístico*. Mesmo a semiótica, entendida como disciplina que estuda os sistemas simbólicos, reconhece apenas o *signo linguístico* como unidade básica da obra de arte verbal.

Jakobson reduz a poética à condição de *função linguística*. Barthes com sua cartola de mágico, a “trapacear com a linguagem”, inicia o culto da linguística como divindade do sincretismo semiótico-linguístico, ao inverter a hi-

pótese saussuriana segundo a qual a ciência da linguagem seria um dos diversos ramos da Semiologia. Eco, o singular filósofo e escritor italiano, descarta a possibilidade de existência do *signo estético*.

Estes três nomes das ciências da linguagem do século vinte, de lugares e momentos diversos, são significativos como amostra heterogênea de uma tendência do pensamento pós-estrutural que encontra no mestre formalista os fundamentos de uma tradição em curso.

Com o prestígio da linguística e a autoridade dos seus teóricos, os critérios e princípios aí estabelecidos passaram a ser aplicados a outros objetos que não a língua, numa tentativa de conferir estatuto científico às disciplinas que recorreram ao saber desta ciência piloto.

Pergunto-me se será útil questionar a durabilidade das teorias do texto literário baseadas numa perspectiva essencialmente linguística; e até que ponto as afirmações e construções dos estudiosos comprometidos com o predomínio da linguística como disciplina piloto resistirão a uma análise futura, quando o

pensamento das ciências da cultura se distanciar ainda mais do alumbramento e da conseqüente servilidade aos princípios estruturais inaugurados por Saussure.

O Jakobson da maturidade aboliu a autonomia da linguagem poética, ao construir um edifício teórico do ponto de vista da ciência da informação, nitidamente comprometido com os pressupostos estruturalistas. Essa arquitetura privilegia o plano da expressão que, pela sua tangibilidade, constituiu um dócil objeto para as especulações mecanicistas valorizadas pelo método estrutural. Embora proclamem a importância do estudo das relações entre som e sentido, algumas premissas básicas da teoria jakobsoniana se assentam em argumentos que levam em conta, fundamentalmente, o plano da expressão.

A primazia do significante não pareceu danosa à inteligência pós-estruturalista, incluindo-se aí os já citados Roland Barthes e Umberto Eco, como parte da tradição jakobsoniana.

Procura-se aqui formular uma hipótese sobre o *signo poético*, sua autonomia e sua oposição ao *signo linguístico*, para finalmente dis-

cutir a noção de *signo* atrelada à de *função sígnica*, ao fechar as discussões que encaminham nossa hipótese. Assim, tanto este livro quanto os dois seguintes, que formam uma unidade temática em torno de questões sígnicas, constituem exercícios visando repensar criticamente as contribuições trazidas pela modernidade estrutural e esboçar uma introdução à teoria divergente: a teoria do texto poético de Fernando Pessoa.

Começemos, então, revendo alguns dos postulados em questão; aqueles que foram estabelecidos por Roman Jakobson.

JAKOBSON E O FRUTO PROIBIDO

Data de 1960 a publicação do ensaio “Linguística e poética”, no qual Jakobson *revoga* a independência dos estudos literários com relação aos estudos linguísticos. Talvez em consequência disso, pouca relevância foi dada, a partir daí, aos possíveis traços específicos do signo no texto poético. Devido à influência exercida pelo velho e genial formalista russo, sobre teóricos europeus e norte-americanos, o reconhecimento do *signo poético* se tornou insustentável, sendo transformado numa espécie de fruto proibido, ou de ficção dos não-linguistas.

Embora reconhecendo que “numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem”, Jakobson deixa de lado esses “numerosos traços” e constrói uma teoria, fragmentária e reducionista, que se institui a partir da afirmação: “A poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictórica. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística.” E acrescenta, na mesma página:

“Em suma, numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda teoria dos signos, vale dizer, à Semiótica geral. Esta afirmativa, contudo, é válida tanto para a arte verbal como para todas as variedades de linguagem, de vez que a linguagem compartilha muitas propriedades com alguns outros sistemas de signos ou mesmo com todos eles (traços pansemióticos).” (Jakobson, 1960, p. 119)

Depois de propor uma espécie de panlinguística, baseada no pressuposto segundo o qual a semiótica linguística seria a matriz de todas as semióticas, Jakobson submete a poética ao domínio da linguística. Esse “imperialismo linguístico”, transformado em tônica do pensamento estrutural, foi depois retomado por Roland Barthes como *parti pris* dos seus *Elementos de Semiologia*.

Mesmo admitindo que o poema reúne traços que não pertencem à linguagem verbal, ou que não podem ser compreendidos somente pela linguística, Jakobson prefere deixar esses traços de lado, para proclamar lealdade à crença na sua ciência piloto.

Reconhecer a língua como uma semiótica na qual todas as outras semióticas podem ser traduzidas (tanto todas as outras línguas como todas as estruturas semióticas concebíveis), conforme os *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, de Hjelmslev, não implica, necessariamente, reduzir os domínios das outras semióticas ao domínio linguístico.

Se, por um lado, os seguidores da tradição estrutural querem reduzir a poesia a um fato

linguístico, como forma mais simples de compreendê-la, por outro lado, a história da criação poética demonstra que a literatura procura formar os seus sentidos com a ajuda de outros códigos que não a língua.

Tomemos dois momentos polares: a poesia na sua aliança com semióticas como a música ou a dança e, no polo oposto, a poesia constelada na galáxia de Gutemberg, ou associada à escrita. Não percamos de vista, ou de ouvido, sua associação à música, tanto na antiguidade clássica, quanto na idade média europeia, quando, desvinculada do código escrito, a poesia utilizava o suporte musical como instrumento de ampliação de sentido e ressonância. Na lírica clássica, ou no trovadorismo provençal e galaico-português, outro código que não a escrita entra como elemento formador da construção poética. Aí, a lira, ou a viola, proferindo o discurso da música, em lugar escrita, se unia à oralidade da língua.

Distante da música, conforme as exigências do novo mundo e confinada ao código ortográfico, a poesia é, mais uma vez, atraída pelo seu destino de ir além da língua. O século

XX transforma a escrita em pretexto de um código pictórico. “Uma das artes plásticas”, como nos ensina Mário Quintana, “Palavra-coisa”, para Sartre, “Words set to music”, poesia “não é literatura”, como queria Pound. Tudo isto é sintetizado num poema visual de Paulo Leminski, onde a palavra *poesia* é o núcleo ou o centro constelar; e várias propostas de compreensão teórica do objeto são transformadas em raios de um centro solar. Neste poema-programa, ele leva às últimas consequências o exercício da intertextualidade e da reciclagem de materiais. (Leminski, 1978, p. 3)

Ao tomar a palavra como objeto visual, não mais acústico, e a página em branco como tela de sentidos, a poesia, desde Mallarmé até os concretistas, reafirma a necessidade de dizer e formar aquilo que não está sendo dito e formado pela língua, para que a língua também possa dizê-lo. Mas é preciso que o poeta, usando não só o código linguístico – tão marcado pelo dito –, mas todos os códigos que a cultura oferece, diga o não dito, para que nós possamos traduzir em linguagem cotidiana o entrevisto nas entrelinhas do entretexto.

Desconhecer tal sistema de sentidos flutuantes é ver só uma parte do poema. Por isso é que coloco em suspeita, como forma de reducionismo, as lentes legadas aos pósteros pelo velho Jakobson. Elas consideram a estrutura do texto literário a partir dos mesmos parâmetros utilizados para a discussão da estrutura verbal de um texto pragmático. As ocorrências registradas numa obra de arte verbal não passariam de fatos verificáveis nos diversos desempenhos linguísticos. Assim é que foi elaborada a conhecida teoria das *funções da linguagem*, constituídas a partir de seis elementos da comunicação: o *remetente*, o *contexto*, a *mensagem*, o *contato*, o *código* e o *destinatário*.

A *função referencial* da linguagem está orientada para o *contexto*, sendo chamada também de *denotativa* e *cognitiva*. Centrada no *remetente* temos a *função emotiva* e, do outro lado, visando ao destinatário, a *função conativa*, que encontra sua expressão mais característica no vocativo e no imperativo. A *função fática* está ligada ao contato, servindo para verificar o funcionamento do circuito comu-

nicativo ou para prolongar a comunicação. A *função metalinguística* se refere ao próprio código e, por fim, a *função poética* está voltada para a mensagem.

Marcada pelo enfoque da mensagem pela própria mensagem, a função poética estaria associada à função metalinguística, onde a linguagem trata da própria linguagem. Se a poética procede a seleção e a organização dos elementos, formando a mensagem a partir da valorização dos constituintes da mesma mensagem, tal mecanismo subentende a reflexão que caracteriza a função metalinguística. Torna-se pertinente verificar, portanto, se a função poética não viria sempre associada à metalinguística, constituindo uma função dupla, ou uma *função de funções*, no sentido hjelmsleviano do termo.

Desse modo, o conceito de *função* na obra de Hjelmslev é inteiramente diferente do conceito de Jakobson:

“Uma dependência que preenche as condições de uma análise será denominada *função*. Deste modo, diremos que há função

entre uma classe e seus componentes (entre uma cadeia e suas partes, entre um paradigma e seus membros), do mesmo modo como há função mútua entre os componentes (partes e membros). Serão denominados *funtivos* de uma função os termos entre os quais esta existe, entendendo-se por *funtivo* um objeto que tem uma função em relação a outros objetos. Diz-se que um *funtivo* *contrai* sua função. Das definições resulta que também funções podem ser *funtivos*, uma vez que pode haver funções entre funções.” (Hjelmslev, 1975, p. 30)

Voltando à formulação de Roman Jakobson, verifica-se que o “enfoque da mensagem pela mensagem” seria um elemento que contrairia função com o *funtivo* “reflexão sobre a própria linguagem”. Embora tudo nos leve a crer que o aparecimento da função poética é acompanhado do aparecimento da função metalinguística, ele pontua: “Poesia e metalinguagem, todavia, estão em posição diametral entre si”. (Jakobson 1960, p. 130)

É irônico observar que a ideia de considerar a *função poética* como uma *solidariedade* – definida por Hjelmslev (1975, p. 138) como “interdependência entre termos num processo” –, em relação à *função metalinguística*, ocorre mesmo entre estudiosos da teoria jakobsoniana e das funções aplicadas à obra de arte verbal. No Brasil, os poetas concretos representaram um importante núcleo sintonizado com as teorias de maior trânsito no século XX. Haroldo de Campos, apesar de seguir com declarada admiração o pensamento estrutural de Jakobson, pontua:

“Na poesia de vanguarda, então, o poeta, além de exercitar aquela *função poética* por definição voltada para a estrutura mesma da mensagem, é ainda motivado a poetar pelo próprio ato de poetar, isto é, mais do que por uma função referencial ou outra, ele é complementarmente movido por uma *função metalinguística*: escreve poemas críticos, poemas sobre o próprio poema ou sobre o ofício do poeta. Isto numa faixa bem definida de preocupações

(de Mallarmé a Ponge e aos poetas de *Tel Quel*, na poesia francesa; de Drummond a Cabral e aos poetas concretos, na brasileira, para dar apenas estes dois exemplos). Quando isto não acontece, quando os pretextos do poetar são líricos, participantes, ou outros, ainda assim a eliminação das redundâncias e maior concentração da linguagem acentuam a ênfase dada aos problemas da configuração da mensagem (da *função poética*). Daí a dificuldade de compreensão da poesia moderna e da vanguarda dessa poesia, pois à medida que ela vai crescendo em complexidade, o auditório vai carecendo de elementos redundantes, de normas que o ajudem a decodificá-la.” (Campos, 1972, p. 152-153)

A oposição entre a poesia e o discurso denotativo ou referencial sobre a linguagem, no entanto, não oculta uma evidência negligenciada pelo construtor da teoria das funções: como qualquer enfoque da mensagem pela própria mensagem se dá através de uma semiótica, ou de uma linguagem, quando a

mensagem enfoca a mensagem, ela está enfocando também a linguagem. O enfoque da mensagem pela linguagem, que é a forma que a mensagem tem de focar a si mesma, implica no enfoque da linguagem pela mensagem, o que reforça a minha suspeita de dependência entre as funções poética e metalinguística, no texto literário.

A natureza intencional do discurso poético, onde as palavras perdem sua transparência referencial e aparecem como fundo do discurso, faz com que a suspeita sustentada pelo silogismo não seja um sofisma sem sentido.

A função poética é simultaneamente uma função metalinguística, embora o inverso não seja necessariamente verdadeiro. Tanto na poesia quanto na publicidade, e até mesmo nas diversas circunstâncias cotidianas em que o falante recorre à função poética, a consciência vigilante sobre o código – ou, contrariamente, a atenção flutuante – faz com que a linguagem não seja apenas um pano de fundo; passando a ser também a própria cena a que se assiste.

“O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.”

(Pessoa, 1972, p. 72)

Atribuindo outro sentido aos versos pessoais de *Mensagem* que não aquele indicado pelo título “Ulysses”, pode-se ilustrar a dialética operada pelo poema, onde o mesmo objeto – a linguagem – é, ao mesmo tempo, a tela onde a mensagem se projeta e o material projetado. Esse corpo morto, que é o signo verbal para o falante, na sua transparência, faz-se também opaco, resultando vivo e desnudo, tanto no discurso desinteressado do cotidiano, quanto na publicidade, por exemplo; tornando-se um sol mais brilhante no texto poético. Aí, o caráter intencional já existente na publicidade, em maior grau do que nos jogos de linguagem do cotidiano, é precedido pelo trabalho das musas, conforme os antigos, pela possessão da loucura, como querem outros, ou pela iluminação dos relâmpagos inconscientes:

“Esta espécie de loucura
Que é pouco chamar talento
E que brilha em mim, na escura
Confusão do pensamento,

Não me traz felicidade;
Porque, enfim, sempre haverá
Sol ou sombra na cidade.
Mas em mim não sei o que há.”
(Pessoa, 1972, p. 192)

Convém sublinhar, de modo enfático, que Jakobson chama a função referencial de denotativa e de cognitiva, reservando a ela a tarefa de possibilitar o conhecimento. Contrariamente, foram os formalistas russos que trouxeram à tona a noção de *estranhamento*, propondo o texto literário como responsável por uma forma de cognição diversa da forma usualmente aceita. A literatura, ao focar os objetos conhecidos, procura apresentá-los como se vistos pela primeira vez, projetando sobre eles novos focos, ou expondo esses objetos sob ângulos não explorados. Em outras palavras: possibilitando o conhecimento da-

quilo que foi negligenciado. Assim, a literatura não se limita a copiar o conhecido, através de outras linguagens, de forma graciosa, como pensa certa estética ingênua, mas procura revelar o que ainda não foi descoberto.

Ao caracterizar a função referencial como cognitiva, Jakobson está implicitamente desconhecendo o papel da arte e da literatura como formas de conhecimento, ao lado da língua, do mito e da ciência. A noção de função poética, como se vê, reduzida à condição de artifício de certas propriedades da língua, termina por cobrir apenas o plano da expressão (o próprio Jakobson reconhece que ela não cobre inteiramente o trabalho da poesia), e aplicada ao plano do conteúdo, se mostra dispensável e ineficiente.

Despojada do papel de função cognitiva, a poética corre o risco de ser vista como uma espécie de função ornamental ou como um sofisticado instrumento do discurso enfeitado. Mesmo sabendo que Jakobson está longe de ver a literatura como um simples e delicioso divertimento com palavras, a identificação da poesia com a função poética nos remete à tra-

dicional definição da estética como ciência do belo, bem como às estéticas do ornamento decorrentes de tal concepção.

Não se pode ignorar que tanto Jakobson quanto os formalistas e estruturalistas aceitavam a literatura como um modo de rearticular a realidade, embora preferissem diluir esta concepção apontando a literatura como forma de rearticular a linguagem. Como “linguagem” pode ser, para os estruturalistas, um sistema independente do processo, ou, como para Saussure, uma forma pura, a práxis termina sendo outra...

Mas, como testemunho da consciência que o jovem Jakobson tinha do problema, leia-se o relato:

“Quando, em 1919, o Círculo Linguístico de Moscou discutia como definir e delimitar o campo dos *epitheta ornamentia*, o poeta Maiakovski nos censurou dizendo que, para ele, qualquer adjetivo, desde que se estivesse no domínio da poesia, se tornava, por isso mesmo, um epíteto poético, mesmo «grande» em «a Grande Ursa» ou

«grande» e «pequeno» nos nomes de ruas de Moscou como *Bol'shaja Presnja* e *Malaja Presnja*. Por outras palavras, a «poeticidade» não consiste em acrescentar ao discurso ornamentos retóricos; implica, antes uma total reavaliação do discurso e de todos os seus componentes, quaisquer que sejam.” (Jakobson, 1960, p. 161)

Dentro do quadro dominante no século passado, a poética está subordinada à linguística e reduzida a uma das seis funções da linguagem. Jakobson verifica ainda que a função poética não ocorre apenas no caso da poesia, mas em outras estruturas verbais, conforme se pode ver no discurso publicitário, nos adágios populares ou na comunicação diária. Limita, assim, a caracterização da função poética aos mecanismos da expressão e das suas formas, embora sem desconhecer que estes mecanismos remetem a mudanças no plano do conteúdo.

Como a presença de uma das funções da linguagem não se dá isoladamente num processo de elocução, isto é, como ninguém se

expressa utilizando apenas os recursos identificados como característicos da função referencial, mas constrói o discurso usando meios de diversas funções da linguagem, é a predominância de uma sobre as outras que permite situar o texto como de natureza referencial, emotiva, metalinguística etc.

Postos diante da obra de Fernando Pessoa temos que rever a teoria estabelecida, do mesmo modo que Jakobson reconhece que, “de acordo com a arte de Pessoa”, a *identidade de som e sentido entre os elementos lexicais* revela-se equívoca. Se a poesia dos grandes poetas da modernidade, obrigou o Século XX a repensar a teoria da literatura, ela igualmente nos obriga a rever a teoria da linguagem. É preciso admitir a equivocidade do mito estrutural que aponta como traço fundamental da arte a subversão dos modos de formar, apenas, a expressão.

PESSOA, POETA DA ESTRUTURAÇÃO

A recorrência ao enfoque da constituição da mensagem pela própria mensagem, conforme a famigerada teoria das funções da linguagem proposta por Jakobson, caracteriza a função poética, como nos versos de Fernando Pessoa:

“O mito é o nada que é tudo
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.

Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Embaixo, a vida, metade
De nada, morre.”

(Pessoa, 1972, p. 72)

A escolha recaiu, não inocentemente, sobre um poema de Pessoa que tematiza a mensagem, além de revelar a preocupação com a constituição da mensagem que a textura de qualquer poema revela ou, pelo menos, sugere. Podemos tomar como hipótese o fato do livro *Mensagem*, como um todo, ser, simultaneamente, uma moderna epopeia da Nação Portuguesa e do Quinto Império, a pátria da língua portuguesa, cujo imperador seria aquele a quem o jovem Pessoa (1976, p. 361) autodenominou de “super-Camões”, no artigo “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”.

Como a edição consultada não faz alusão ao local da publicação e apõe ao texto a indicação “s/d”, veja-se também a página 31 do livro de José Blanco *Fernando Pessoa; esboço de uma bibliografia*. O estudioso data o texto de 1912, quando foi publicado na revista *A Águia*. Para nossa discussão, a questão da data pode ser relevante, no tocante às informações sobre o texto.

Vários poemas do livro (que tem como título aquilo que é: *mensagem* sobre a *mensagem*) seriam tentativas de fundir o trajeto de alguns personagens da história portuguesa com o processo poético pessoano. Uns e outros seriam partes vivas da constituição do destino português: a *Mensagem* de Pessoa.

O fim do século passado parece ter confirmado as pretensões de um esquisito senhor de sombras falantes, e também as primeiras manifestações públicas do que parecia uma mera paranoia delirante de um jovem na casa dos vinte anos. Na sua primeira “grande” aparição na imprensa especializada portuguesa, Pessoa analisa a vida literária do país e anuncia o surgimento do Poeta e dos poetas (heterôni-

mos?) supremos do país, fadados a deslocar Camões do seu sólido pedestal.

A manifesta interpretação crítica dissimula a convicta anunciação do advento do regenerador da mediocridade que lançava o nevoeiro sobre o horizonte literário português:

“A analogia é absoluta. Temos, primeiro, a nota principal da completa *nacionalidade e novidade* do movimento. Temos, depois, o caso de se tratar de uma corrente literária contendo poetas de indiscutível valor. E note-se – para o caso de se argumentar que nenhum Shakespeare nem Victor Hugo apareceu ainda na corrente literária portuguesa – que esta corrente vai ainda no princípio, gradualmente, porém, tornando-se mais firme, mais nítida, mais complexa. E isto leva a crer que deve estar para muito breve o inevitável aparecimento do poeta ou poetas supremos, desta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões. Quem sabe se não

estará para um futuro muito próximo a ruidosa confirmação deste deduzidíssimo asserto?” (Pessoa, 1976, p. 366-367)

E acrescenta, ainda mais enfático:

“Pode objetar-se, além de muita coisa des-denhável num artigo que tem de não ser longo, que o atual momento político não parece de ordem a gerar gênios poéticos supremos, de reles e mesquinho que é. Mas é *precisamente por isso* que mais concluível se nos afigura o próximo aparecer de um supra-Camões na nossa terra.” (Pessoa, 1976, p. 367)

Em um texto com pretensões a uma interpretação sociológica, é curiosa a coincidência com a afirmativa de Marx na *Introdução à crítica da economia política*:

“É sabido que, no que toca à arte, determinados períodos de florescimento não estão, de maneira nenhuma, relacionados com o desenvolvimento geral da socieda-

de, nem, por conseguinte, com a base material, por assim dizer, a ossatura da sua organização.” (Marx & Engels, 1971, p. 61)

Configurando a coincidência, o acaso fez com que, antecipadamente, as palavras de Marx servissem para confirmar o caráter superior do gênio pessoano e sua eclosão no seio de uma cultura onde não se esperaria voos de notável altitude. E Marx acrescenta, reforçando o elo: “Por conseguinte, no próprio campo da arte, certas manifestações importantes só são possíveis num grau inferior do desenvolvimento artístico.” (Ibidem)

As ruidosas comemorações dos cem anos de nascimento do intempestivo autor português, no final do século passado, teria sido então o reconhecimento por estudiosos de toda parte da realização da profecia?

Observe-se que podemos ler, no artigo acima citado de Pessoa, a indicação da presença dos “poetas supremos, desta corrente”, como sendo Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis reunidos no “Grande Poeta, que este movimento gerará”, Fernando Pessoa, ele

mesmo. Certamente, o jovem articulista de *A Águia* não estria falando dos outros poetas, palpáveis e comprováveis pelo registro de nascimento, que militavam a chamada Nova Renascença Portuguesa. Ao contrário, contraditoriamente, como sempre sua escritura permite supor, ele vacila ao anunciar os poetas e/ou o poeta supremo. Mas, só aparentemente vacila, como também a contradição seria apenas suposta. Em Pessoa, a contradição antevista esconde a coerência de uma revelação velada. Quase sempre. Como agora.

A ensaiada naturalidade da frase alternativa – “aparecimento do poeta ou poetas” – guarda em si o segredo da heteronímia, já presente na vida psíquica do autor, embora ainda não configurada na sua forma poética posteriormente conhecida.

Por que os poemas que constituem *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro, são datados por Pessoa, nos apontamentos das suas *Ficções do Interlúdio*, como sendo de 1911-1912? O mesmo Pessoa documenta o dia 8 de março de 1914 como a data do aparecimento do seu mestre. Parece haver alguma re-

lação entre o projeto fáustico do poeta e a “profecia” lançada nas asas de *A Águia*. Os poetas supremos e o Grande Poeta anunciados estão reunidos em uma só Pessoa da Nova Trindade.

Presume-se como sendo de 1912 a prece da despersonalização, na qual o distanciamento do eu, seguido, como ideal, pela modernidade vai de encontro ao descentramento de Pessoa, traduzido na busca de transcendência:

– “Senhor, que és o céu e a terra, que és a vida e a morte! O sol és tu e a lua és tu e o vento és tu! Tu és os nossos corpos e as nossas almas e o nosso amor és tu também. Onde nada está tu habitas e onde tudo está – (o teu templo) – eis o teu corpo.

Dá-me alma para te servir e alma para te amar. Dá-me vista para te ver sempre no céu e na terra, ouvidos para te ouvir no vento e no mar, e mãos para trabalhar em teu nome.

(...)

Minha vida seja digna da tua presença.
Meu corpo seja digno da terra, tua cama.

Minha alma possa aparecer diante de ti
como um filho que volta ao lar.

Torna-me grande como o Sol, para que
eu te possa adorar em mim; e torna-me puro
como a lua, para que eu te possa rezar em
mim; e torna-me claro como o dia para que
eu te possa ver sempre em mim e rezar-te e
adorar-te.

Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-
me que eu me sinta teu. Senhor, livra-me
de mim.” (Pessoa, 1976, 33-34)

O panteísmo aqui evidenciado já anuncia
alguma coisa de Caeiro, assim como, apesar do
grande brilho do Sol como centro constelar
da Pessoa da Nova Trindade, a dialética da
despersonalização começa a ganhar forma:
pedra de toque da modernidade pessoana.

O velho Jakobson, que encontra em Pes-
soa a grandeza de Khliébnikov, poeta maior
da sua terra, percebeu a analogia entre a figu-
ra de Ulysses, tomada em *Mensagem* como
princípio propulsor da lusitanidade, e a cons-
tituição também mítica do moderno impera-
dor do Quinto Império: “A história dos três

artistas imaginários que fazem de seu criador «o menos que ali houve» corresponde de perto ao poema «Ulysses», que proclama o primado e a vitalidade do mito em relação à realidade.” E acrescenta:

“Em *Mensagem* esta peça de quinze versos canta Ulysses como o fundador de Lisboa e da nação portuguesa e exalta o caráter puramente imaginário de seus feitos; inaugura assim, apesar desta superposição do mito à vida real, a História heroica de Portugal, devendo-se notar que ela é seguida de numerosos poemas que glorificam os homens mais famosos da nação ao longo dos séculos.” (Jakobson & Picchio, 1970, p. 96)

O herói do poema cujo nome só aparece no título, Ulysses, escolheu para si mesmo o nome de Ninguém, conforme a *Odisseia*. Pessoa (vide 1972, p. 129), em mais de um momento, confessa a sua identidade com o vazio – “sinto que sou ninguém salvo uma sombra” –, dando uma outra direção à despersonalização.

zação poética, em conformidade com o seu nome, que vai do sentido pleno de *pessoa*: alguém, ao ambíguo *persona*: máscara, personagem; até traduzir-se *personne*: ninguém.

Eduardo Lourenço, no seu *Fernando, rei da nossa Baviera*, encontra nos poemas de *Mensagem* material para uma aproximação do canto heroico com o próprio destino do cantor:

“Como Ulysses, sem para si existir nos bastou. Por não ter sido foi vindo e nos criou, tais que já não podemos contemplar o céu da nossa cultura sem o ver a ele no centro, convertido em «mito brilhante e mudo», irradiando a sua luz enigmática. Há cinquenta anos essa mesma luz era invisível ou obscura. Hoje é mais que visível e, aparentemente, clara. Se há enigma é o da sua universal claridade. Por detrás dela não é difícil descortinar o sorriso de Pessoa, gozando a sós, como escreveu, «a ironia de o não estranharem». Com efeito, que alquimia converteu uma poesia, à primeira vista – e sobretudo, à segunda – pouco acessível, espelho sem reflexo dos jogos infinitos da

emoção e da inteligência dela, em música íntima, em solilóquio obsessivo da nossa cultura? Porquê nos passamos a toda largura da rua com os bolsos atulhados de frases de Pessoa? Porquê os seus poemas, os seus pensamentos, os seus paradoxos, a sua múltipla leitura do universo e da vida se tornou a matriz e o código, não apenas dos nossos sonhos mais raros, como da prosa triste da realidade? Em suma: como e porquê, Pessoa se converteu num mito?” (Lourenço, 1986, p. 10)

E observa ainda:

“Ofuscados por uma presença tão soberana, várias vozes, algumas de naturais candidatos à sua sucessão, se têm insurgido contra esta confiscação da nossa vida cultural pelo mito-Pessoa. Em vão. Como outros povos, também nós gostamos de reis. Sobretudo, mortos. Fernando Pessoa, rei de si mesmo, como poucos o foram – se é ser rei existir e sonhar, sentado num trono de melancolia –, também gostava de «reis»,

meteóricos como Sidônio Pais ou loucos como seu muito amado Luís da Baviera. Do horripilante «objeto-fetichê» em que o desejamos converter, decerto gostaria menos. Ele suspeitaria que o incenso que o dilui é menos o fruto de uma conivência de propósitos e sonhos, que o milagre às avessas de uma devoção aos deuses que ele recusou. Como pôde um Poeta que subverteu os fundamentos do nosso moderno lirismo efusivo e sentimental, o nosso coração à tiracolo, o nosso heroísmo de encomenda por conta de Camões, a nossa vida toda em diminutivos, ter-se convertido no ídolo que agora tem o seu nome?” (Lourenço, 1986, p. 10)

Se este constante aparte ao discurso histórico, para que ele fale do sujeito da enunciação, convertido em sujeito do enunciado, é uma forma de tematizar a mensagem através da própria mensagem –

“Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a sorte a não dá.” Pessoa 1972, p. 75)

– o objeto da atenção de Jakobson, ao analisar o texto pessoano, é a preocupação com a constituição da mensagem que a textura do poema revela.

O ensaio de Jakobson e Luciana Stegagno Picchio é o mais completo inventário já feito da fatura fônica de Pessoa, levantando desde as correspondências vocálicas e consonantais até as construções anagramáticas encontradas no pequeno poema de *Mensagem*. Ao passar do plano fonológico a uma articulação maior da linguagem é que Jakobson começa a apontar a vocação do discurso poético para romper com o discurso linguístico registrado pela gramática do uso. Se ele não nos propõe encontrar aí uma prova da dissociação entre as duas modalidades de discurso, pelo menos ressalta a insólita gramática do texto poético:

“Com maestria suprema Pessoa constrói as três frases deste pentástico sem o concurso de um só substantivo ou adjetivo. Cinco pretéritos, três infinitos, dois gerúndios e um particípio formam a parte principal do léxico desta estrofe”. (Jakobson & Picchio, p. 106)

Convém repetir o mencionado pentástico pessoano:

“Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.”

O exaustivo levantamento empreendido por Jakobson visa a um confronto da linguagem poética com a linguagem coloquial, no seu uso cotidiano, mas termina nos mostrando como o texto de Pessoa põe o leitor como se estivesse diante de uma outra *língua*, com outra gramática e outra semântica. Convém lembrar a distinção entre linguagem e língua que é tomada como ponto de partida do livro *O espelho de Narciso* (Seixas, 1981, p. 20). O termo *linguagem* é empregado para designar todo *processo* e todo *sistema simbólico* – ou *semiótica* –, podendo referir-se tanto a uma *língua* quanto a um *código*. Enquanto o código é um sistema fechado e improdutivo, o sistema linguístico é aberto e produtivo, estan-

do sujeito a constantes mudanças e recriações. Um jogo, como o de xadrez, ou um código como o de trânsito, obedecem a regras fixas e os seus esquemas estruturais não são continuamente modificados pelos processos de realização, ao contrário do que ocorre com as línguas, onde o ato da fala constrói o sistema, imprimindo novas direções. Usamos da expressão *linguagem* para designar, *lato sensu*, qualquer conjunto de representações significativas, ou qualquer *semiótica*; e, *stricto sensu*, para designar a *linguagem verbal*, ou a *língua*.

Roman Jakobson, no citado artigo, em parceria com Luciana Picchio (1970, p. 103), observa:

“Nos oxímoros do autor os sinônimos usuais se transformam em antônimos, mas mesmo a suposta identidade de som e de sentido entre os elementos lexicais dos oxímoros correspondentes acaba por revelar-se equívoca, de acordo com a arte de Pessoa que busca o duplo sentido nos vocábulos correspondentes e os converte em pares de homônimos. (...) Ou, em outros

termos: as palavras aparentemente semelhantes ou quase-sinônimas diferem em suas significações porque deitam raízes em idiomas diversos embora entremeados em nosso emprego. De fato os oxímoros de Pessoa confrontam e delimitam estes dialetos funcionais e as concepções irreconciliáveis que eles refletem.”

Sabe-se que o jovem Jakobson, no que estava de acordo com seus companheiros de geração e de movimento linguístico, tomava a poética como “violentação da língua corrente”, o que levava os formalistas russos a falar numa *língua* poética e não, apenas, numa linguagem, enquanto sinônimo de *registro*. No artigo “Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson” (Seixas, 1974, p. 5) constatou-se que ele derruba a teoria da conformidade absoluta do verso ao espírito da língua, propondo uma deformação organizada do código linguístico pela forma poética. Nos seus escritos iniciais, Jakobson proclama que a particularidade principal da semântica poética reside na formação de significações marginais.

José Guilherme Merquior, um dos críticos brasileiros mais brilhantes e respeitados da segunda metade do século XX, no livro *A astúcia da mimese*, antecipa nossa constatação:

“O jovem R. Jakobson, por exemplo, definia o poético em termos de violentação da língua corrente; a deformação semântica era a seus olhos a marca do signo poético, porque assegura a emancipação da palavra de todo o potencial denotativo.” (Merquior, 1972, p. 212)

A nossa busca de autonomia do signo poético, com relação ao signo linguístico, malgrado a direção do método estrutural e a teoria resultante, é recompensada pelos acenos do próprio texto crítico jakobsoniano. O sistema sinonímico da língua é desintegrado na linguagem poética pessoana, levando o mestre formalista a afirmar que os significantes encontrados no poema diferem quanto ao significado correspondente porque assentam sua base em *idiomas diversos*. Sim, são verdadeiros idiomas de versos, ou em versos, que o

poema de Pessoa constitui, com seus próprios signos, sua própria sintaxe e sua própria semântica. Por que não admitir a existência desses *dialetos funcionais* que são esboços de verdadeiros idiomas? Por que não concordamos com os primeiros textos do formalismo russo, que reconheciam a existência de uma *língua poética*?

Postos diante da obra de Fernando Pessoa temos que rever a teoria estabelecida, do mesmo modo que Jakobson reconhece que a *identidade de som e sentido entre os elementos lexicais* revela-se equívoca, “de acordo com a arte de Pessoa”. Se a poesia dos grandes poetas da modernidade, obriga o Século XX a repensar a teoria da literatura, ela igualmente nos obriga a rever a teoria da linguagem. É preciso admitir a equivocidade do mito estrutural que aponta como traço fundamental da arte a subversão dos modos de formar a expressão. O plano do significante é apenas um caminho, ou talvez o único, de acesso à realidade: bloco de pedra atravessado pela luz da imaginação. A realidade, com seu manto diáfano de reino flutuante, descoberto por Saussure, é que é o

ponto de chegada. Obras como a de Pessoa evidenciam o fosso a separar o universo de sentidos estabelecidos pela cultura, num contexto padrão, do turbilhão de sentidos que se corporifica em cada texto criativo. Se a cultura é uma forma de constituir a realidade, é preciso admitir que de dentro dela uma força ampliadora, porque contrária, dialética, impõe uma outra forma constituinte: a arte.

Isso em nada anula o poder da civilização, mas simplesmente reconhece os seus mecanismos de superação e reestabelecimento. A sociedade humana é uma linha ascensional porque é constituída não apenas por elementos de conservação, mas também por elementos de desintegração que fornecem o húmus para as raízes da nova árvore cultural.

Se o leitor atravessar atento alguns dos ensaios de Jakobson sobre poesia, notará que em todos eles, ou pelo menos na maior parte, a mensagem é analisada a partir da ênfase atribuída ao plano da expressão. O seu magistral ensaio dedicado ao poema de Fernando Pessoa, em colaboração com Luciana Stegagno Picchio, realiza um inventário exaustivo dos

principais traços formais de “Ulysses”, muito embora o tema central seja o indicado no título: “Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa”.

Pouco abundantes são os momentos em que Jakobson abandona a chamada imanência das formas da expressão, que lhe fornece material para renovados exercícios. Convém destacar uma das passagens do ensaio dedicado a Pessoa em que ele vai além do significante.

“A obra do escritor português é uma arte «essencialmente dramática», cuja complexidade se acha submetida a uma estruturação integral. As supostas incoerências e contradições nos escritos poéticos e teóricos de Pessoa refletem em realidade o «diálogo interno» do autor, que ele mesmo busca transformar numa complementaridade dialética dos três poetas imaginários”. (Jakobson & Stegagno Picchio, 1970, p. 94-95)

Retomando a teoria de Pessoa a respeito dos tipos de poetas, quanto à sua natureza, Jakobson afirma textualmente:

“Pessoa deve ser colocado entre os grandes poetas da «estruturação»: estes, na opinião dele próprio «são mais complexos naquilo que exprimem, porque exprimem construindo, arquitetando e estruturando», e um tal critério os situa adiante dos autores «privados das qualidades que fazem a complexidade construtiva».” (Idem, p. 94)

Vivamente impressionado pela arquitetura poética pessoana e confessando interesse pela argúcia teórica do poeta, Jakobson utiliza uma expressão de Pessoa para afirmar que é difícil encontrar “mais perfeição e elaboração cuidada” do que a apresentada no rigoroso e breve poema de *Mensagem* tomado para análise.

Quando Jakobson “desmonta” o plano da expressão do poema de Pessoa, descobrindo não só as correspondências fônicas e de sentido, mas os anagramas condutores do fio do discurso, somos levados a pensar na intencionalidade/casualidade do emprego dos mecanismos de construção. A propósito, no artigo “Configuração verbal subliminar em poesia”, ele escreve:

“Onde quer que eu ponha em discussão a tessitura fonológica e gramatical da poesia e qualquer que seja a língua e a época dos poemas analisados, há uma pergunta que surge sempre entre leitores e ouvintes: Seriam intencionais e premeditadas pelo poeta, em seu trabalho de criação, as configurações [designs] desvendadas pela análise linguística?

Tanto um cálculo de probabilidade quanto um trabalho acurado de comparação de textos poéticos com outras espécies de mensagens verbais demonstram que as peculiaridades marcantes dos processos poéticos de seleção, acumulação, justaposição e distribuição das diversas classes fonológicas e gramaticais não podem ser consideradas acidentes desprezíveis regidos pela lei do acaso. (...)

É particularmente quando comparamos as variantes de um poema que nos damos conta da relevância que tem para o autor seu arcabouço fonêmico, morfológico e sintático.”

(Jakobson, 1970, p. 81-82)

E conclui o ensaio afirmando:

“A intuição pode atuar como principal ou, ocasionalmente, única responsável pela arquitetura das complicadas estruturas fonológicas e gramaticais na obra dos poetas individuais. Tais estruturas, poderosas particularmente em nível subliminar, podem funcionar sem qualquer espécie de assistência da reflexão lógica e da apreensão manifesta”. (Idem, p. 92)

A conhecida máxima pessoana, “O que em mim sente está pensando”, bem dá conta do problema tratado por Roman Jakobson. Aceitando o conceito de *poeta da estruturação* para definir os escritores que atravessam a natureza epidérmica de algumas invenções formais e situam o texto como reconstrução da realidade circundante, ele encontra na caracterização proposta por Pessoa a mesma consciência que presidiu os trabalhos dos estudiosos russos de linguística e poética, a partir de 1914. No mesmo início de século, de um lado, os jovens estudiosos que se converteriam em reconheci-

dos teóricos, tanto na Rússia quanto no mundo ocidental; do outro lado, um poeta português, na casa dos vinte anos, pensando e indagando, sem interlocutores, além do que o seu tempo e o seu espaço poderiam responder.

Há mais do que uma coincidência entre as ideias defendidas pelos fundadores do Círculo Linguístico de Moscou e algumas anotações do poeta. Já por volta de 1909, numa nota escrita em inglês, e traduzida nas *Obras em prosa* como “Reflexões sobre a arte”, Pessoa afirmava que o elemento essencial na arte é a expressão, e o que é expresso não importa (Pessoa, 1976, p. 219), numa formulação típica dos formalistas. A sua preocupação com a estrutura está marcada pela noção de sistema como fundamental não apenas nas ciências da natureza, mas nas disciplinas da cultura, e na arte.

Pessoa ia além dos formalistas quando buscava uma analogia entre a natureza e a arte. Se os primeiros aprofundavam os problemas da expressão, o poeta reservava à arte uma tarefa paralela à da cultura: traduzir sistematicamente a realidade vivida. “Não procura a arte reproduzir, dar a nossa sensação simplesmente; mas

dar da nossa sensação aquilo que mais traduza a realidade dela.” (Pessoa, 1976, p. 232)

Em outras palavras, para Pessoa a arte é uma forma de conhecimento privilegiada, porque ultrapassa os compromissos e limitações das formas cotidianas, conforme anota em “A percepção do poeta”:

“Sim, que é o próprio homem senão um cego inseto inane a zumbir (?) contra uma janela fechada; instintivamente sente para além do vidro uma grande luz e calor. Mas é cego e não pode vê-la; nem pode ver que algo se interpõe entre ele e a luz. De modo que preguiçosamente (?) se esforça por se aproximar dela. Pode afastar-se, mas não pode ir além do vidro. Como o ajudará a ciência? Pode descobrir a aspereza e nodosidade próprias do vidro, pode chegar a conhecer que aqui é mais espesso, ali mais fino, aqui mais grosseiro, ali mais delicado: com tudo isto, amável filósofo, quão mais perto está da luz? Quão mais perto alcança ver? E contudo, acredito que o homem de gênio, o poeta, de algum modo

consegue atravessar o vidro para a luz do outro lado; sente calor e alegria por estar mais além de todos os homens (?), mas mesmo assim não continuará ele cego? Está ele um pouco mais perto de conhecer a Verdade eterna?” (Pessoa, 1976, p. 265)

Se a cultura é uma recriação a partir da natureza, Pessoa reserva à arte a tarefa de pular por sobre a cultura, procurando *imitar perfeitamente a natureza*. O que não quer dizer copiá-la, mas imitar *os seus processos*, conforme as próprias palavras do poeta. A exigência da noção de sistema na criação artística leva o poeta a afirmar que uma obra de arte deve se estruturar como um ser natural:

“Cada organismo considerado perfeito, deve ter todos os órgãos de que carece, e nenhum que lhe não seja útil. Assim, repararemos, a ideia de perfeição não é, como Platão, Grego decadente, julgava, uma ideia vinda do ideal; a ideia de perfeição nasce da contemplação das coisas, da Matéria, e da perfeição que a Natureza põe nos seres que

produz, em que cada órgão, tecido, parte ou elemento existe para o todo a que pertence, em relação ao todo.” (Idem, 1976, p. 231)

A noção estrutural do poema, e da obra de arte em geral, reclamada por Pessoa é encontrada na proposta dos formalistas russos de uma nova ciência da literatura e da linguagem. Tynianov e Jakobson, no pequeno texto-manifesto de 1928 – “Os problemas dos estudos literários e linguísticos” –, insistem na constituição de uma ciência sistemática que acompanhe a própria natureza dos objetos estudados, porque “cada uma dessas séries comporta um feixe complexo de leis estruturais”. (Tynianov & Roman Jakobson, 1971, p. 95)

Observe o leitor que, desde 1928, neste texto-manifesto, Jakobson atrela os problemas literários aos linguísticos. Quando se fala de *uma ciência literária e linguística* se parte do pressuposto que os métodos são comuns como comum é o objeto estudado. É esta crença que reduz o poema (e o texto literário) a um objeto pragmático da cultura, gerando as

contradições dos estudiosos de formação estrutural quanto à especificidade do signo poético e da semiótica poética.

Junte-se a isto o fascínio exercido pelo concreto, pela materialidade das formas da expressão, sobre esses estudiosos. Vejamos no trabalho sobre “Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa” como o formalista russo seleciona os aspectos do texto poético que estão circunscritos à sua noção de *função poética*:

“O estudo de «Ulysses» nos permite observar, sem mesmo ser necessária a consideração de outros exemplos, o que representa na obra e na doutrina estética de Fernando Pessoa o que para ele era um verdadeiro «poeta da estruturação»; um tal poeta lhe parece ser necessariamente mais *limitado* que os poetas da *variedade* naquilo que ele exprime, assim como menos profundo na expressão: por isso mesmo, é mais complexo, porque exprime, segundo as próprias palavras do autor, «construindo, arquitetando, estruturando».” (Jakobson & Stegagno Picchio, 1970, p. 116)

Ao tomar os conceitos estabelecidos por Pessoa, Jakobson não explora o que parece ser fundamental: a condição de construtores do conhecimento, ou ainda, da realidade, atribuída aos poetas da estruturação. Convém observar que a estruturação pessoana não diz respeito apenas ao plano do significante – este não é o fim a ser atingido, é apenas um caminho, o único, talvez, de se chegar à realidade humana – ela abrange a estrutura, a arquitetura, ou a construção do próprio conhecimento. A realidade, constituindo o reino flutuante anunciado por Saussure, com sua natureza diáfana, estruturada de modo diverso pelas múltiplas formas de conhecimento, é que é o fim a ser atingido, através da poesia. Mas como, na teoria jakobsoniana, a função referencial é a responsável pela cognição, o discurso marcado pela função poética, ao ganhar pelo rigor estrutural dos recursos significantes, perde enquanto forma de conhecimento.

Sabemos, porém, que a literatura é essencialmente uma forma alternativa de conhecer. Uma mensagem se faz poética na medida em que articula a realidade revelando aquilo que

permanece desconhecido, resgatando para o espaço cotidiano aquilo que pairava difuso no espaço de transgressão. Daí a crítica dirigida à concepção jakobsoniana da função poética, onde não há lugar para a cognição. Conhecer, para Jakobson, é atributo da função referencial, por isto mesmo, também chamada de *denotativa*, *cognitiva*, como se a conotação também não fosse uma forma de conhecimento e como se a marca fundamental do texto poético não fosse o conhecimento do que permanece ocultado.

A compreensão dos tropos como forma primitiva de conhecer já aparece na *Ciência nova*, de Vico, que vê a metáfora como expressão de uma apreensão múltipla e difusa do mundo, num determinado momento da história do homem. Ele divide essa história em três idades, a divina, a heroica e a humana. Na primeira, existia uma “língua muda, mediante sinais e caracteres que mantinham nexos naturais com as ideias” (Vico, 1979, p. 23). Na página 98, ele acrescenta que o homem primitivo desenhou antes de falar, já que a representação gráfica da ideia teria precedido à fala.

Contraopondo-se a opinião comumente aceita segundo a qual à forma oral da língua segue-se a escrita, Vico apresenta importantes dados para a reflexão. Considerando que os desenhos rupestres encontrados nas cavernas, quando o homem começava a explorar o potencial da sua chamada “faculdade da linguagem”, são uma forma de escrita, compreendemos porque a nossa época, a civilização da escrita, a galáxia de Gutemberg, já tem enraizada a sedução pelos símbolos gráficos. Veja-se, a propósito, “A palavra falada: flor do mal?” e “A palavra escrita: um olho por um ouvido” no clássico de Marshall McLuhan *Os meios de comunicação como extensões do homem* (95-107). A despeito da complementaridade destas duas formas de linguagem, continuamos a ver a palavra falada como um estágio precedente à escrita. Como observa Vico,

“a dificuldade da questão deve-se a todos os doutos, por um só motivo: o terem acreditado distintas as origens das letras e as das línguas, as quais, por natureza, são conjuntas. E deveriam se aperceber disso, a partir

das palavras «gramática» e «caracteres». Primeiramente, porque «gramática» define-se como «arte de falar» e *grámmata* são as letras, de modo que seria de definir-se «arte de escrever», qual a definiu Aristóteles, e, qual efetivamente ela nasceu. Pois aqui demonstraremos que todas as nações primitivamente falaram escrevendo”. (Vico, 1979, p. 98)

Na segunda, a idade heroica, aparece o uso de “similitudes, comparações, imagens, metáforas e descrições naturais, que constituem o maior contingente da linguagem heroica”, também chamada de *simbólica*. Na terceira é que surge “a língua humana, mediante vocábulos convencionados pelos povos.” (Vico, 1979, p. 23)

Viajemos, um pouco mais, pela imaginação de Vico (p. 24) ao afirmar que

“os primeiros povos da gentilidade, por uma comprovada necessidade natural, foram poetas, e falaram por figuras poéticas. Esta, que é a descoberta basilar desta Ciência,

custou-nos a obstinada pesquisa de toda a nossa vida literária, mesmo porque às nossas naturezas civilizadas é totalmente impossível imaginar, e com grande esforço apenas nos é dado perceber, essa tal natureza poética dos primeiros homens.”

Muito coerentemente, ele assegura que os primeiros artistas das palavras nas diversas línguas se expressaram em versos; e, neste ponto, está em perfeito acordo com Jakobson (1974b, p. 8) e com os modernos antropólogos que dizem não haver um só grupo étnico desprovido de poesia, mesmo nas chamadas sociedades primitivas, onde a música substitui a escrita como veículo do verso. “Trata-se, pois, dum fenômeno universal, exatamente como a linguagem. Em certos grupos étnicos apenas existe, a par da linguagem cotidiana, a linguagem poética”.

Assim é que Vico (1979, p. 25) concebe a linguagem poética como forma de captar o desconhecido e de *enformar* uma realidade vislumbrada, com seus mistérios e enigmas, como nos oráculos que “em todas as nações respon-

deram em versos” ou falaram através dos recursos identificados com a função poética de Jakobson. Desse modo, cada metáfora constituída vem a ser uma fabulazinha minúscula.

Outro filósofo que identifica os tropos com a forma ancestral de captar o mundo é Rousseau, que, na esteira de Vico, rejeita tomar a linguagem figurada como simples ornamento retórico, propondo a figuração como resultante de um conhecimento impreciso, porque inaugural. Vale a pena transcrever a passagem do *Ensaio sobre a origem das línguas* onde ele justifica a sua afirmação segundo a qual a linguagem figurada nasceu primeiro e o sentido próprio foi encontrado depois:

“Um homem selvagem encontrando outros, inicialmente ter-se-ia amedrontado. Seu terror tê-lo-ia levado a veresses homens maiores e mais fortes do que ele próprio e a dar-lhes o nome de *gigantes*. Depois de muitas experiências, reconheceria que, não sendo esses pretensos gigantes nem maiores nem mais fortes do que ele, à sua estatura não convinha a ideia que a princípio

ligara à palavra gigante. Inventaria, pois, um outro nome comum a eles e a si próprio, como, por exemplo, o nome *homem* e deixaria o de *gigante* para o falso objeto que o impressionara durante sua ilusão. Aí está como a palavra figurada nasce, antes da própria, quando a paixão nos fascina os olhos e a primeira ideia que nos oferece não é a da verdade. O que disse a respeito das palavras e dos nomes, aplica-se sem dificuldade aos torneios de frases. Apresentando-se, em primeiro lugar, a imagem ilusória oferecida pela paixão, a linguagem que lhe corresponderia foi também a primeira inventada; depois, tornou-se metafórica quando o espírito esclarecido, reconhecendo seu próprio erro, só empregou as expressões para as próprias paixões que as produziram.” (Rousseau, 1972b, p. 434)

Deriva da tradição filosófica que vai de Vico a Rousseau, portanto, a nossa concepção do *signo poético*, ou da função contraída entre um significante e uma ideia que se enforma neste significante, como forma transgressiva do co-

nhecimento. Sem repetir a noção valorativa apresentada por Vico e Rousseau, segundo a qual as figuras representam uma percepção defeituosa ou deformada pelas paixões, a teoria da transgressão encontra nos recursos conotativos da linguagem poética um meio de compreender e expressar de forma aberta, indeterminada, portanto, aquilo que paira imprecisamente no espaço de transgressão. O plano do conteúdo dos signos desta linguagem é um plano também aberto, não limitado pelo consenso do contrato social, porque formado por objetos novos, ainda não cristalizados pela luz da língua histórica.

A teoria da transgressão – que se esboça nestes nove livros sobre a obra pessoana – rejeita o caráter valorativo encontrado nos filósofos que compreenderam a linguagem poética como uma forma primitiva, ou equívoca e enganosa, do conhecimento. Poderíamos incorporar a tradição que aponta o imaginário poético como modo transitório de compreender uma realidade vislumbrada pela primeira vez, desde que fique sublinhado que esta é a forma inaugural de compreender o não estabelecido. Aquilo que paira difuso no espaço de transgressão, que ainda não foi transformado em objeto corrente pela cultura, ou pelo espaço de convenção.

SIGNO POÉTICO E SIGNO LINGUÍSTICO

Se a teoria de Jakobson submetia os estudos literários ao império linguístico, aniquilando, de passagem, a concepção de um signo poético, um posicionamento crítico com relação a ela não pode deixar de levar em conta um fato singular: esta submissão dos estudos literários jakobsonianos à linguística é uma resposta do velho mestre, na sua fase madura, aos princípios do primeiro Jakobson. Uma resposta radical, destinada a apagar definitivamente a luz das linhas escritas pelo jovem estudioso. Em 1923 ele opõe a teoria da *deformação organizada* da língua, pela criação poé-

tica, à teoria da conformidade do verso ao espírito da língua, forjando o conceito de poética como subversão linguística. Tais concepções presentes na obra jakobsoniana *Do verso tcheco: conclusões sobre a língua poética* nos foram reveladas por Bóris Eikhenbaum (1971, p. 27). Esse parecia ser o pensamento predominante entre os teóricos do formalismo russo, tanto que Eikhenbaum, ao historiar as ideias da época, relaciona o ponto de vista de Jakobson ao seu próprio enfoque dos problemas teóricos do verso, segundo o qual “a particularidade principal da semântica poética reside na formação de significações marginais que violentam as costumeiras associações verbais.” E acrescenta, logo em seguida:

“Nesse momento, a ligação inicial do método formal com a linguística estava consideravelmente enfraquecida. [...]

A diferenciação dos problemas era já tão grande que não tínhamos mais necessidade de um apoio particular da linguística [...]. Ao contrário, certos trabalhos dos linguistas no campo do estilo poético encontra-

vam objeções de princípios da nossa parte.” (Eikhenbaum, 1971, p. 28)

Data também dessa época a concepção da intencionalidade da *língua poética* enquanto fator de oposição à *língua cotidiana*. Observe-se que as expressões utilizadas, que aqui aparecem sublinhadas, dão conta da existência de uma *língua poética* e não de uma *linguagem poética*, como hoje é corrente. Isso atesta a crença na existência de uma língua, independente daquela falada pela sociedade, na qual o escritor cria sua obra. As diferenças entre as palavras do poeta e as palavras do discurso cotidiano seriam tão grandes a ponto dos formalistas pensarem na coexistência de uma outra língua, a língua poética.

Ao restaurar suas hipóteses iniciais, o mestre formalista transforma a poética numa peça subsidiária e desprovida de autonomia, esquecendo mesmo a natureza cognitiva da poesia, destacada pelo formalismo e evidenciada pela tradição filosófica, aqui representada pelas passagens da *Ciência nova*, de Vico, e do *Ensaio sobre a origem das línguas*, de Rousseau.

A função cognitiva da arte literária é geralmente destacada pelos filósofos, mesmo por aqueles que afirmam ou deixam correr a ideia que a arte é uma forma equívoca do conhecimento. Hobbes, que privilegia a imaginação como base do conhecimento, pode ser tomado como exemplo:

“Para se compreender o que entendo por poder cognitivo, deve-se lembrar e admitir que há continuamente nas nossas mentes certas imagens ou concepções das coisas fora de nós. Assim, supondo que um homem continuasse vivo e o resto do mundo tivesse sido aniquilado, tal homem poderia, apesar disso, reter a imagem do mundo e de todas aquelas coisas que ele aí houvesse visto e percebido. Todo o homem sabe, pela sua própria experiência, que a ausência ou a destruição das coisas que uma vez foram imaginadas não causa a ausência nem a destruição da própria imaginação. Estas imagens mentais e representações das qualidades das coisas fora de nós, são o que chamamos cognição, imaginação, ideias, infor-

mação, concepção, ou conhecimentos delas. E a faculdade, ou poder, pelo qual somos capazes desse conhecimento, é o que aqui denomino por poder cognitivo ou conceptual; o poder de conhecer ou de conceber.” (Hobbes, 1640, p. 48)

Depois de nos introduzir ao problema, marcando o percurso do simbólico, ou do imaginário, como fundamento do conhecimento, Hobbes esboça uma distinção entre as paixões que conduzem a diferentes modos de constituição da inteligência, bem coerente com a moral falsamente ascética da contrarreforma:

“Em primeiro lugar, os homens cujos fins são algum deleite sensual, e que geralmente são dados à comodidade, à comida, às cargas e descargas do corpo, devem por isso, necessariamente, ser os que menos se deleitam com as imaginações que não conduzem a estes fins, tais como as imaginações de honra e glória que, conforme se disse antes, se referem ao futuro. Pois, a sensualidade consiste no prazer dos sentidos, que

agrada apenas no presente e afasta a inclinação para observar coisas como as que conduzem à honra; e, conseqüentemente, torna os homens menos curiosos e menos ambiciosos – curiosidade e ambição nas quais consiste toda a excelência do poder cognitivo – pelo que eles consideram menos o caminho seja para o conhecimento seja para algum outro poder. Isto é o que se chama de *obtusidade*, e procede do apetite de deleite sensual ou corporal. Pode bem conjecturar-se que tal paixão tem o seu começo num embrutecimento e numa dificuldade do movimento dos espíritos ao redor do coração.” (Idem, p. 124)

Segundo a compreensão redutivamente maniqueísta de Hobbes, os espíritos voltados para o prazer do corpo estão afastados da curiosidade e da ambição típica do poder cognitivo, bem como da curiosidade de comparar entre si as coisas que chegam à mente.

“Nesta comparação, um se deleita duplamente. Por um lado, por encontrar

similitudes inesperadas em coisas de outro modo muito dessemelhantes, situando-se aqui a excelência da *fantasia*; e daí procedem aquelas gratas analogias, metáforas e outros tropos pelos quais os poetas e oradores conseguem fazer com que as coisas agradem ou desagradem e se mostrem aos olhos como boas ou más, conforme lhes apraz.” (Hobbes, 1640, p. 124)

A equivocidade do discurso literário é destacada nesta passagem, na qual Hobbes aproxima a arte verbal daquilo que a tradição mais temia nos sofistas: o poder de identificar a verdade com a coerência das proposições expressas.

A teoria da transgressão – que se esboça nestes nove livros breves sobre a obra pessoana – rejeita o caráter valorativo encontrado nos filósofos que compreenderam a linguagem poética como uma forma primitiva, ou como forma equívoca e enganosa, do conhecimento. Poderíamos incorporar a tradição que aponta o imaginário poético como modo transitório de compreender uma realidade vislum-

brada pela primeira vez, desde que fique sublinhado que esta é a forma inaugural de compreender o não estabelecido. Aquilo que paira difuso no espaço de transgressão, que ainda não foi transformado em objeto corrente pela cultura, ou pelo espaço de convenção, ao ser introduzido no universo dos signos, mantém o seu caráter impreciso e se manifesta igualmente difuso no contexto da linguagem. Longe de ser uma forma imperfeita de manifestar o objeto conhecido, o signo poético é uma forma que reflete um processo de conhecimento ainda em curso e por isto mesmo inacabado, aberto. É assim, inclusive, que a teoria da obra aberta de Umberto Eco pode ser reinterpretada e vista como proposta atual: a partir do reconhecimento do signo poético como processo alternativo do conhecimento. Ou como mergulho no universo desconhecido, sem outra luz ou outro compromisso senão o lúdico espírito de aventura pela “floresta de símbolos” ou pelo “mar que possa haver além da terra” (Pessoa, 1972, p. 76).

Veja-se o poema “Correspondances”, de Charles Baudelaire, cuja primeira estrofe nos

diz que a vida social, a cultura, ao roubar o homem do seu antigo hábitat, a natureza selvagem, constrói para ele outra floresta, uma floresta de símbolos:

“La Nature est un temple où de vivants
[pilliers
Laissent parfois sortir des confuses paroles;
L’homme y passe à travers des forêts de
[symboles
Qui l’observent avec des regards familiers.”
(Baudelaire, 1857, p. 23)

Porque, como ensina o poeta em Pessoa:

“Todo começo é involuntário.
Deus é o agente.
O herói a si assiste, vário
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
“Que farei eu com esta espada?”

Ergueste-a, e fez-se.”
(Pessoa, 1972, p. 71)

Em outras palavras: mesmo a despeito do engajamento do artista e da responsabilidade social da sua arte, a libido, ou a energia criativa, é livre e indômita, tendo por objetivo primeiro o *prazer do texto*. Primeiro é o livre fluir das associações inconscientes, permitindo à arte dizer mais do que o sujeito sabe, – “Todo começo é involuntário” – depois é que vem a consciência e o que mais derive da responsabilidade social – “Ergueste-a, e fez-se”.

Nascido de outro modo, o texto é peça publicitária, instrumento de execução de tarefas políticas, e nunca texto poético. Por isso é que a função poética de Jakobson não dá conta da poesia nem da POÉTICA, mas da RETÓRICA. Ela não trata do conhecimento de objetos verossímeis e universais, como queria Aristóteles, mas da técnica da elocução. Não do modo de conhecer e revelar aquilo que se conhece, mas do modo de expressar o conhecido.

O leitor formado na tradição estruturalista, e especialmente nos ensaios de Jakobson, embora aprendendo que a língua não é uma nomenclatura, fica com a impressão que a literatura consiste na busca de formas vistosas

de dizer alguma coisa. Ou, numa boa hipótese, de formas eficazes, como o célebre exemplo da função poética no *slogan* publicitário “*I like Ike*”, dado pelo próprio Jakobson (1960, p. 128). Na análise feita vemos uma perfeita interação entre o ato de gostar (*like*), o candidato a presidente dos Estados Unidos, Eisenhower (*Ike*) e o eleitor, eu (*I*). Cada um destes três elementos, o eleitor, o ato de gostar e o candidato, integrando o significante do outro: “*I like Ike*”. Ou integrado no significado do outro.

É como se a arte literária fosse uma forma graciosa de dizer as mesmas coisas já vistas e ditas pelo discurso cotidiano e como se a escrita poética fosse o salão de beleza das frases bem feitas.

Não é por acaso que na maioria dos estudos literários se fala da literatura como *forma de representação da realidade*. Em boa linguagem, isto quer dizer que a arte se limita a constituir um novo significante para os velhos significados. Isto quer dizer também que todos esses textos, inconscientemente ou não, aceitam a estética como *ciência do belo*, entendida

esta expressão como técnica decorativa, ou ornamental.

Colocada a questão nesses termos, poucos a aceitarão, mas, vestida a máscara do discurso sinuoso, isto é, definida a literatura como *forma de representação da realidade*, a concepção ornamental é aceita e repetida sem nenhuma objeção. Mas a literatura não é apenas representação de uma realidade preexistente. Ela é construtora de outra realidade: uma realidade alternativa, também simbólica e convencional, como a realidade social; apresentando como ponto distintivo o fato de ser uma realidade arbitrária, instituída independentemente do contrato social. Essa realidade trazida à luz pela arte, quando capaz de preencher o vazio difuso do espaço social, pode ser instituída através do contrato implícito da cultura e passar a figurar como fronteira avançada da realidade consentida.

Não foram poucos os escritores que atuaram sobre a sociedade em que viveram e promoveram alterações substanciais na consciência e na forma de vida dos povos. Só que nenhum escritor faz revolução, nem destrói os

fantasmas da cultura num único assalto de guerra. O resultado da sua atuação aparece gradualmente, dentro dos limites tolerados pelas forças conservadoras da cultura. Como, de resto, ocorre qualquer alteração no âmbito social: através de um jogo dialético com a reação, no qual esta se enfraquece e se volta para outros elementos substitutivos.

“A arte, portanto, é antes de tudo, *esforço para dominar os outros*”, como demonstrava Pessoa (1976, p. 243), ao distinguir o que chamava de *formas de dominação gregária* das formas *antigregárias*: “Captar é o modo gregário de dominar ou vencer; subjugar é o modo antigregário”. A arte, com seu poder de sedução, procura agradar e captar, o que é uma forma de vencer as estruturas estabelecidas, propondo novas configurações do real.

Atento a isto, mesmo sujeito à censura e à indiferença da sociedade lisboeta, Pessoa prosseguiu no seu trabalho de “indisciplinador de almas”. A expressão usada pelo próprio Pessoa em carta a Armando Côrtes-Rodrigues e citada por Jorge de Sena numa conferência proferida em 12 de dezembro de 1946, por

ocasião da publicação de *Páginas de Doutrina Estética*, com seleção, prefácio e notas de sua autoria. (Sena, 1984, p. 69)

Sabendo que a sua voz, embora recebida com silêncio, seria capaz de agir sobre a consciência nacional e construir, através da inteligência de poucos atentos, a realidade não consentida quando vislumbrada, o poeta propõe:

– “Pertencço a uma geração que ainda está por vir, cuja alma não conhece já, realmente, a sinceridade e os sentimentos sociais.

– Procurei sempre ser expectador da vida, sem me misturar nela.

– Tenho na vida o interesse de um decifrador de charadas.

– Brincar com as ideias e os sentimentos pareceu-me sempre o destino supremamente belo. Tento realizá-lo quando posso.

– Assim como criador de anarquias me pareceu sempre o papel digno de um intelectual.” (Pessoa, 1976, p. 42-43)

Hoje, mais de cem anos depois destas palavras serem escritas, sabemos que o poeta, por pertencer a uma geração que estava por vir, construiu ele próprio esta geração, como mudou a direção do olhar de um povo, ou de uma língua, que adotou como pátria.

Pessoa se constituiu como uma referência-chave da cultura de língua portuguesa, seu processo de transgressão tornou-se sistema que veio a se incorporar ao sistema da cultura. O que antes era escândalo ou silêncio, hoje é palavra ou sentido que nos constitui enquanto sujeitos, condôminos do contrato social da língua portuguesa. Um poeta como Pessoa, uma geração como a de *Orpheu*, ou um movimento como o modernismo português, deixaram marcas de sua presença na cultura e ampliaram a configuração da realidade, mesmo daqueles que não sabem nem nunca saberão que um dia existiu um poeta chamado Fernando, uma revista chamada *Orpheu* e outra chamada *Presença*. Ao longo do tempo, as ideias migram e brotam de novo, novas.

Conforme a lição de Eduardo Lourenço, no seu *Fernando Pessoa revisitado*, “Antes mes-

mo de saber com o máximo de plenitude o que os poemas de Pessoa *são*, aparecem-nos originalmente como a luz na qual nos é dado ver o que até eles não víamos.” (Lourenço, 1981, p. 19) Eis aí por onde começa a intervenção do artista na vida social: projetando um foco de luz onde as sombras escondem e velam. Na sua aparente inocência, as palavras do artista revelam.

É evidente, portanto, que o trabalho do escritor não está circunscrito ao plano do significante, sendo inaceitável o processo reducionista imposto pelas teorias que tomam as formas da expressão como instrumentos capazes, por si mesmos, de constituir a essência do fazer poético.

Em um momento em que os estudos literários se confundiam com a metafísica mais subjetiva, a objetividade positiva buscada pelo formalismo russo e pelo estruturalismo apontou caminhos decisivos para a compreensão do fenômeno literário. Mas, em nome da importância dessa revolução no âmbito das ciências da linguagem, não podemos aceitar acriticamente todas as formulações inerentes

ao método estrutural. Aí está a razão da crítica dirigida a Jakobson, que com a sua teoria das funções induziu os estudos literários a buscarem a literariedade apenas num dos planos da linguagem – o plano da expressão.

Sabemos que a expressão constrói o conteúdo, o que poderia justificar a eleição de um dos planos, mas a redução jakobsoniana termina permitindo a compreensão da literatura como mera expressão de conteúdos preexistentes. A definição da função poética identifica a poesia com o discurso engenhoso da publicidade, negligenciando o fato deste último se assentar na aceitação do estabelecido como modo de persuadir alguém daquilo que se quer impor, enquanto a arte parte da negação dos princípios aceitos como caminho para se chegar a novas configurações do real.

Mas isso não quer dizer que Jakobson desconheça a diferença entre um texto *literário* e um texto marcado pela frequência de traços da função poética. Ele distingue o *verso* da *poesia*, identificando a função poética com os artifícios da *expressão*, entre os quais a métrica e a rima se tornaram mais conhecidos como

elementos constitutivos do verso, evidenciando que a *poesia* não se deixa reduzir aos limites desta função da linguagem, embora esteja visceralmente ligada a ela.

Ora, se a função poética não comporta a poesia como um todo, alguma coisa não identificada e não definida por Jakobson fica de fora da teoria das funções, esperando ser compreendida e discutida. Sua doutrina reparte o sistema poético, submetendo o plano da expressão ao domínio linguístico e deixando o plano do conteúdo como um território de ninguém, ou como um território divino, onde os deuses constroem as coisas...

Mesmo sabendo que Jakobson não endossa o expurgo da semântica dos estudos linguísticos, convém chamar atenção para o fato de a sua teoria incorrer em contradições fundamentais, ao incorporar ao domínio linguístico uma parte do material da literatura, a *expressão*, que fica assim descarnada da sua outra parte, o *conteúdo*. A clássica distinção formalista entre *material* e *procedimento* pode ser compreendida como referência a um fato imanente e outro transcendente à litera-

tura, uma vez que apenas o procedimento era apontado como intrínseco à estrutura da obra. O material era visto como algo fornecido por uma realidade outra, que não é a própria obra, como um material precedente à existência do procedimento. Assim, o plano do conteúdo da obra seria exterior a ela, enquanto parte da realidade.

Muito ilustrativo, do ponto de vista formalista, é a passagem onde Vítor Chklovsky observa:

“As imagens são quase que imóveis; de século em século, de país em país, de poeta em poeta, elas se transmitem sem serem mudadas. As imagens não são de algum lugar, são de Deus. Quanto mais se compreende uma época, mais nos persuadimos que as imagens consideradas como a criação de tal poeta são tomadas emprestadas de outros poetas quase que sem nenhuma alteração. Todo o trabalho das escolas poéticas não é mais que a acumulação e revelação de novos procedimentos para dispor e elaborar o material verbal, e este consiste antes na

disposição das imagens que na sua criação. As imagens são dadas, e em poesia nós nos lembramos muito mais das imagens do que nos utilizamos delas para pensar.”

(Chklovsky, 1971, p. 41)

A literatura, como se pode deduzir desta passagem não seria uma forma de conhecimento, isto é, as imagens e figuras que constituem o texto literário não estariam a serviço de um processo de conhecimento, assim como não poderiam ser vistas como resultado de uma construção específica do real. “As imagens não são de algum lugar, são de Deus”. Na ótica formalista, elas não são situadas e datadas, mas fazem cristalizadas à espera da “contemplanção estética”. (Idem, *ibidem*)

Sublinhando o termo *contemplanção estética* empregado pela tradição formalista e pela tradição “do velho método estéril, que introduz o psicologismo ingênuo e outras velharias sob uma nova terminologia” (Tynianov & Jakobson, 1971, p. 95) – no dizer dos jovens russos – , põe-se também em relevo uma concepção que perpassa a renovação formalista: a con-

cepção da atividade artística como espiritualmente passiva e não como *atividade*. Ao falar em “contemplação estética” talvez se esteja, através da escolha do significante, revelando uma crença, uma concepção da arte não como forma de conhecimento e de construção da realidade, mas de simples contemplação da realidade previamente existente. Se a teoria jakobsoniana, em consonância com o formalismo russo, ou com a direção que o formalismo tomou na tradição estruturalista, termina reduzindo a poética a um jogo da expressão, um termo como “contemplação estética” deve ser visto como fundamento e *parti pris* da própria concepção; ou como profissão de fé de uma teoria que, embora avançada em muitos aspectos, não via a arte como forma de atuação: de ação sobre o mundo, ou de produção do real.

Ao que parece, as teorias do século dezanove impuseram àquelas do início do século vinte, mesmo às mais criativas, a concepção da arte como contemplação passiva ou como sublimação. Outra teoria, diversa e com objetos distintos do formalismo, a teoria freudiana, ao

dar conta da obra de arte, apontou a atividade estética como um modo de sublimação, e não, de atuação. Raros foram os artistas que, enquanto produtores de realidades, se aperceberam deste fato e lançaram as bases de uma concepção da arte destinada a refazer as teorias estabelecidas. Esses são os mestres de uma nova era, os descobridores de caminhos impossíveis; até o surgimento de um novo traçado, inventado por pés que aprenderam a caminhar onde não havia trilhas.

O sentido de modernidade, inaugurado na literatura por autores como Fernando Pessoa, Ezra Pound, Jorge Luís Borges, Carlos Drummond de Andrade ou T. S. Eliot, impõe uma nova teoria da literatura que leve em conta o problema do conhecimento como essencial à obra de arte. Ou uma teoria que não abra mão do plano do conteúdo enquanto plano essencial da obra de arte poética.

Jakobson jamais insinuou, convém repetir, que a poesia se reduz à expressão, nem que o significante é mais importante do que o significado. Isso ocorreu por conta da folia estruturalista – que dominou mais de uma geração

– e de alguns movimentos poéticos de vanguarda, sem se falar nos sedutores Seminários de Jacques Lacan, destinados ao gozo da inteligência estrutural francesa e da periferia intelectual, atraída pelas luzes de Paris. “Um homem, isto não é outra coisa senão um significante.” (Lacan, 1982, p. 46)

Se não chegou a afirmar a primazia do significante, como posteriormente o fez Lacan, em contrapartida, ao desenvolver seus estudos com base na expressão, Jakobson privilegiou este plano através da prática. Os modelares ensaios e análises de fonologia produzidos pelo seu gênio especulativo são por si mesmos eloquentes na demonstração do fascínio exercido pelo significante sobre o velho mestre. Este fascínio influenciou desde Lévi-Strauss até Lacan, desde a antropologia até a psicanálise, para não se falar, mais ainda, na linguística e na literatura.

Jakobson afirma que a poesia não se esgota na função poética, mas não discute o que vem a ser essa poesia, que transcende os mecanismos linguísticos; nem deixa claro o que é que na poesia vai além das funções da linguagem.

Como a prática é mais eficiente que a simples alusão da teoria na demonstração de princípios, seu trabalho de analista do discurso poético reduz, mesmo involuntariamente, a poesia à função poética.

Em consequência dessa fratura no pensamento jakobsoniano, a moderna tradição não teve necessidade de especular a natureza do *signo poético*, nem mesmo de admitir a sua existência, uma vez que o *signo linguístico*, compreendido e assimilado à luz da teoria das funções da linguagem, que é a pedra de toque do pensamento jakobsoniano, explica por si mesmo o funcionamento da obra de arte verbal. Pelo menos sob um dos seus ângulos – aquele iluminado pela luz estrutural que o mestre irradia.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Incluem-se neste item as referências às obras citadas e a bibliografia consultada e não referenciada.

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, vol. XXII, nº 1110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324.

ANDRADE, Carlos Drummond de

1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.

- ANDRADE, Mário de
1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972.
- ARBAIZAR, Philippe (org.)
1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985].
- ARISTÓTELES
1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966.
1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AUERBACH, Erich
1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.
1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston
1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, 1970.
- BACON, Francis
1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979.
- BAKHTIN, Mikhail
1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970.
1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. france-

- sa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland
- 1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.
- 1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaios Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972.
- 1953 *Novos ensaios críticos – seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1973.
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976.
- BLANCO, José

- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983.
- BLIKSTEIN, Izidoro
1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo
1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOURGOIS, Christian
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.
- BRITO, Mª de Fátima Ribeiro Souza
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88.
- BULFINCH, Thomas
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pes-

- soa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso
 1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J, Ozon, 1974.
- CAMPOS, Augusto de
 1970 *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de
 1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de
 1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio
 1976 *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976.
- CASSIRER, Ernst
 1969 Le langage et la construction du monde des objets, in:

- CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.
- 1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y. K.
1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985.
- CHAUÍ, Marilena
1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1984.
- CHKLOVSKY, Vítor
1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, Mª Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.
- CHOMSKY, Noam
1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1973.
1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought]; trad. Francisco

- M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972.
- 1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- COELHO, António Pina
1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado
1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].
1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8ª ed. Lisboa, Verbo, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes
1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.
1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3ª ed. São Paulo, Quiron, 1980.
1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982.
1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII.
1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
1989 Vibrações ou convergências pessoais na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste
1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133.

- CONDILLAC, Étienne Bonnot de
 1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In Condillac et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134.
- CORBISIER, Roland
 1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CORTÁZAR, Julio
 1074 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- COSERIU, Eugenio
 1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).
- 1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la Republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).
- 1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958.
- COUTINHO, Carlos Nelson
 1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- CROCE, Benedetto
 1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro

Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.

CURTIUS, Ernest Robert

1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teodoro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

CURY, Jorge

1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.

DAL FARRA, Maria Lúcia

1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.

DEGÉRANDO, Marie-Joseph

1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l'art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELTETIUS E DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430.

DEMÓCRITO (de Abdera)

1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360.

DIAS, Mª Heloisa Martins

1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan

1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*

- [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos
1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira
1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto
1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aperta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974.
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea];

- trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983.
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984.
- ELIOT, T. S.
- 1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M^a Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.
- EIKHENBAUM, Boris
- 1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.
- FEBVRE, Lucien
- 1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58.
- FERREIRA, Vergílio
- 1969 *Mudança*; romance. 3^a ed. Lisboa, Portugal, 1969.
- FOUCAULT, Michel
- 1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FREUD, Sigmund
- 1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.
- 1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer

- Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- 1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.
- 1908 *Escritores criativos e devaneio* [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 *A significação das sequências de vogais* [Die Bedeutung der Vokalfolge] ; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
- 1911-1913 *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [Formulierung über die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII.

- Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 O ego e o id [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.
- 1913 O temas dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s.d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.
- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o ‘bloco mágico’ [Notiz uber den ‘Wunderblock’ / A note upon the ‘Mystic writingpad’]; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.
- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An

- autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.
- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psycho analyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.
- GALHOZ, Mª Aliete
- 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de Mª A. G., 4ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João

- 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, n° 199, Lisboa, 28 abr. 86, p. 19.
- 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, n° 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.
- GOTLIB, Nádia Battella (Org.)
- 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, n° 1.110, 19 nov. 1988.
- GRAMSCI, Antonio
- 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien
- 1975 *Sobre o sentido. Ensaio semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GREIMAS et alii
- 1975 *Ensaio de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- GUERREIRO, Mário
- 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, n° 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João
- 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.

- GUIMARÃES, Ruth
1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HAYES, Curtis W.
1972 Linguística e literatura: prosa e poesia. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin
1979 *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO de Éfeso
1978 Fragmentos; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136.
- HILL, Archibald A. (Org.)
1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M^a Azevedo e M^a Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HJELMSLEV, Louis
1971 *El lenguaje* [Sproget]; trad. M^a Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971.
1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minuit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 1976 *Sistema linguístico y cambio linguístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976.
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versión española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976.

HOBBS, Thomas

1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.

1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.

JACQUART, Emmanuel

1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugéne Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n° 21, 02 fev. 75, p. 7.

JAKOBSON, Roman

1960 Linguística e poética. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.

1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.

1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970.

1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.

1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Linguistics in relation to other sciences]; trad. Mª Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974.

1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência

- proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska
 1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana
 1970 Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JAUSS, Hans Robert et alii
 1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- JUNG, Carl Gustav
 1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e apresentação de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio Zahar, 1974.
- 1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979.
- 1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des Unbewussten]; trad. Mª Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.

- KAYSER, Wolfgang
 1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Trad. Paulo Quintela. 2 volumes. 5ª ed. Coimbra, Armênio Amado, 1970.
- KRISTEVA, Júlia
 1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. M^a Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974.
 1974b *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974.
 1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KUJAWSKI, Gilberto de M.
 1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979.
- LACAN, Jacques
 1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
 1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978.
 1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le séminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
 1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psycanalyse – 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980.
- 1981 *Le séminaire*. Livre III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981.
- 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: Encore]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

- LEACH, Edmund
1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard
s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d. p. 18-19.
- LEFEBRE, Henri
1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- LEIBNIZ, Wilhelm
1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEITE, Dante Moreira
1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMINSKI, Paulo
1978 Poesia. *Código*. Salvador, nº 3, ago. 1978.
- LEROY, Maurice
1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blickstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- LETRAS & ARTES
1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, nº 11, 1 nov. 88, p. 7-14.
- LEVIN, Samuel R.
1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. M^a Nazaré Soares. In COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2^a ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.

1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. M^a Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976.

LIMA, Francisco Ferreira de

1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n^o 1, 1^o semestre de 1986, p. 79-92.

1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapaspe: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, N^o 6, dez. 89, p.43-61.

LIMA, Luiz Costa

1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2^a ed. Petrópolis, Vozes, 1970.

1976 *Estruturalismo e teoria da literatura*: introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis, Vozes, 1973.

LIND, Georg Rudolf

1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970.

LIVROS DE PORTUGAL

1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreros. Lisboa, n^o 3, mar. 88.

LOBATO, Monteiro

1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

- LOCKE, John
 1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- LOPARIC, Zeljko
 1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanásile], n° 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.
- LOPES, Oscar
 1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986.
- LOPES, Teresa Rita
 1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985.
- 1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, n° 248, 6 abr. 87, p. 12.
- LOURENÇO, Eduardo
 1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981.
- 1983 *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- 1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.
- LUKÁCS, Georg
 1968 *Ensaio sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomini a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson Coutinho &

- Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s.d.
- LYONS, John
- 1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972.
- 1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).
- LYONS, John (organização)
- 1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix.
- MAIAKOVSKI, Wladimir
- 1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & ^a Manuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969.
- MANNHEIM, Karl
- 1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MANNONI, Maud
- 1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard
- 1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M^a de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975.
- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André

- 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973.
- MARX, Karl
- 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In: Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
- 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
- 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.
- 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MCLUHAN, Marshall
- 1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley

1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.

MENN

1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.

MERQUIOR, José Guilherme

1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

1972 *A astúcia da mímese. Ensaios sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972.

1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980.

MIAZZI, M^a Luísa Fernandez

1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MOISÉS, Massaud

1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)

- 1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- 1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- 1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoanos]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- MONZANI, Luiz Roberto
- 1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
- [1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de Mª Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn
- 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu – como se não fosse poeta *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
- 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, nº 178, 30 mar. 80, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich
- 1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d.
- 1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2ª ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- 1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres Fº, posfácio de Antônio Cândido. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- NUNES, Benedito

- 1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 47-62.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.
1972 *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank* [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- OLIVEIRA, Adelmo et alii
1972 *Breve romanceiro do natal*, Salvador, Beneditina, 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, Antonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Fernando Batina de Mendonça, Florisvaldo Mattos, Godofredo Filho, Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José de Oliveira Falcón, M^a da Conceição Paranhos, Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso
1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- PADRÃO, M^a da Glória
1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações. *Letras & Artes*, n^o 11, Porto, 1^o nov. 88, p. 8-9.
- PAES, José Paulo
1985 *Gregos & baianos; ensaios*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIVA, José Rodrigues de
1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pirata, 1982.
- PASSOLINNI, Pier Paolo
1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p. 270.
- PAZ, Otávio

- 1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 201-220.
- 1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer & Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PEIRCE, Charles Sanders
 1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio
 1974 Um rubi no umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto
 1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla
 1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pós-fácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádia Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.
- PESSOA, Fernando

- 1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.
- 1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caetano*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 1975b *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1975c *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976 *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976b *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M^a da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.
- 1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M^a Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
- PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6^a ed. São Paulo, Perspectiva, 1973.

- 1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PIMENTEL, Osmar:
- 1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto Freire). Recife, Editora Universitária, UFPe., 1974, p. 37-113.
- PLATÃO
- 387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad. do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1964.
- 1966 *Obras completas*; traducción del griego, preámbulos y notas por María Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966.
- POE, Edgar Allan
- 1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradução e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Milton Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- PORTELLA, Eduardo
- 1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- 1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- POUND, Ezra
- 1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [How to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes.

- São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- QUADROS, Antônio
1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e gênio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- READ, Hebert
1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- REICH, Wilhelm
1977 *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.
- RENZI, Emílio
1970 Sobre a noção do inconsciente de Lévi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 107-113.
- RIBEIRO, Darcy
1970 *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
1975 *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, João
1969 *O forclore*. Rio de Janeiro, Simões / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969.
- RICARDO, Cassiano
1964 *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- RICOEUR, Paul
1970 Estrutura e hermenêutica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis,

- Voices, 1970, p. 157-191.
- 1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interprétation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques
- 1756 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.
- 1762 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.
- RUSSEL, Bertrand
- 1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.
- 1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de
- 1912 *Loucura*. 3ª ed. Lisboa, Rolim, s.d.
- 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David

- 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do romantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980.
- SANTAELLA, Lúcia
 1985 *O que é semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
 1986 *Convergências*; poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de
 1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985.
- SANTOS, Wendel
 1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.
 1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978.
 1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SAPIR, Edward
 1954 *A linguagem*; introdução ao estudo da fala [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do livro – INL, 1954.
- SARAMAGO, José
 1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul
 1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982.
- SAUSSURE, Ferdinand de
 1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- SCHILLER, Friedrich
 1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Ästhetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.

SHAFF, Adam

- 1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, n° 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974.
- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana M^a Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43.
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3^a ed., 1976, p. 47-79.
- 1978 *História e verdade* [Histoire et verité]; trad. M^a Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

SECCHIN, Antonio Carlos

- 1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

SEIXAS, Cid

- 1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, n° 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977.
- 1977b A subjetividade como o elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 582. Belo Hozironte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 612.

- Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisto e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, vol. XXV, nº 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, nº 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.
- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatária da arte como o signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, nº 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.
- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.
- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, nº 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 829. Belo Ho-

- rizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.
- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência na teoria freudiana. São Paulo (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-

- Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>.
- 2016b *Stravisky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravisky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.
- SEIXO, M^a Alzira
 1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 1986.
- SENA, Jorge de
 1984 *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2^a ed. Lisboa, Edições 70, 1984.
- SIMÕES, João Gaspar
 1931 *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
 1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983.
- SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Cleps pour l'esthétique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- SPERBER, Dan
 1978 *O simbolismo em geral* [Le syymbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978.
- STALIN, J.
 1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d.
- STAROBINSKI, Jean

- 1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SUASSUNA, Ariano
1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975.
- TABUCCHI, Antonio
1984 *Pessoana mínima*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- TALES DE MILETO et alii
1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça
1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972.
- TODOROV, Tzvetan
1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.
1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.
1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TODOROV et alii
1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977.
- TOMACHEVSKY, Boris

- 1971 Temática, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo
 1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101.
- 1979b Textos da suma teológica [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146.
- TABUCCHI, Antonio
 1984 *Pessoana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- TRINDADE, Liana S.
 1978 Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem. In: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109.
- TROTSKY, Leon
 1971 A escola poética formalista e o marxismo, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.
- TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.
- ULLMANN, Stephen
 1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.

VÁRIOS AUTORES

- 1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc Goboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusinier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.
- VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de
1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Artefato*, nº 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.
- VICO, Giambattista
1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di aienza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- VOGT, Carlos
1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).
- WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen
1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.
- WELLEK, René
1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d.
- WELLEK, René & WARREN, Austin
1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971.
- WITTGENSTEIN, Ludwig
1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.

1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen), trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.



**Pintura de Lélia Parreira:
Retrato de Fernando Pessoa**

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragmentos do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaio sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.
- Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/docs/intertextualidade>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A *Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomoderidade>
- 1928: *Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>
- A *essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book. Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>

- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>
- O desatino e a lucidez da criação em Pessoa*. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.desatino>

Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura.
Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

O SIGNO POÉTICO

FICÇÃO E REALIDADE

Enquanto os animais convivem diretamente com os outros e com a natureza, o homem interpõe os processos simbólicos, ou os signos, como forma de conhecimento e de representação de todas as coisas presentes e ausentes.

Embora discuta com respeito e admiração as ideias de estudiosos marcados pelo estruturalismo, Cid Seixas propôs, nos anos oitenta, o ultrapasse do método estrutural em favor da compreensão daquilo que veio a se chamar de estudos culturais.

Disponibilização deste e-book:

<https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/4.signo>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>